

· CAPÍTULO 1 ·

Surpresa na biblioteca

Passava um pouco de uma hora da tarde e nada de o almoço sair. Inquietos, Lia e Hugo sentiam os estômagos vazios dando cambalhotas, mas ninguém mais naquele salão imenso parecia ter pressa.

— O que essa gente tanto conversa? — perguntou Lia, cada vez mais revoltada.

— Não lembra do que o papai falou? — respondeu Hugo, notando a expressão furibunda da irmã. Ela ficava transtornada sempre que sentia fome. — Tem a ver com uma escultura antiga e valiosa.

Os dois irmãos avistaram o pai, Sebastião, conversando num canto do salão com Minos Diamantaris, dono da tal escultura e também da mansão. Era um verdadeiro palácio, com altas colunas gregas na entrada e estátuas de deuses gregos espalhadas por toda parte. O jardim que a rodeava era repleto de flores e tinha um gramado tão bem cuidado que mais parecia um tapete.

Sebastião era médico e todos o chamavam de Dr. Barba — por causa, é claro, da barba grossa que ele cultivava orgulhosamente no rosto. O Dr. Barba adorava arrastar os filhos para todos os seus compromissos.



Ao ser convidado para aquele almoço, ele achou que seria uma ótima oportunidade para Lia e Hugo terem contato com o mundo da arte. Afinal, Minos Diamantaris, que era seu paciente, mostraria uma das obras da sua coleção de antiguidades a colecionadores interessados em comprá-la.

Mas Lia só pensava na comida e sua paciência estava perigosamente chegando ao limite. Antes que caísse dura de fome, ela decidiu que perguntaria ao próprio senhor Minos pelo almoço. Porém não foi preciso, pois, justamente naquele momento, Minos caminhou até o centro do salão. Ele era um homem grandalhão, de cabelos ondulados e nariz largo, de narinas grandes, que lembravam as de um boi.

Erguendo os braços, ele anunciou com pompa:

— *Agapiménoi mou fíloi*, *to gévma eínai étoimo!*

Lia fez uma cara horrível.

— Ai, meu Deus do céu! O que foi que o homem disse? Parece até que ele está falando grego...

— Ele *está* falando grego, Lia. Esqueceu que o senhor Minos é grego?

Minos Diamantaris apressou-se em traduzir a frase, deixando Lia exultante:

— Meus caros amigos, o almoço está pronto!

E complementou, para a imediata decepção da garota:

— Antes, porém, faço questão de apresentar a vocês a preciosa escultura. Sei que todos estão aguardando ansiosamente por esse momento.

— Todos quem? — resmungou Lia, ouvindo o estômago ficar rouco de tanto roncar. — Por que não mostrar essa escultura depois que todo mundo estiver com a barriga cheia?

Hugo quase riu.

— Para quem já esperou tanto, aguentar só mais um pouquinho não vai fazer o seu estômago entrar em colapso — disse ele. — Ouvi dizer que o almoço vai ser fenomenal. O senhor Minos vai servir comida da Grécia.

Lia arregalou os olhos.

— Grécia? Não é lá que as pessoas quebram os pratos depois de comer?

Hugo deu de ombros.

— Pode ser. Mas espere o dono da casa quebrar o dele primeiro para, aí sim, você quebrar o seu.

— Só se o senhor Minos for muito *maruta* para fazer uma bizarrice dessas...

Hugo franziu a testa, confuso.

— *Maruta*...?

— É. *Maruta.* Mistura de maluco com biruta.

Hugo pensou um pouco.

— Interessante... Por que não *biluco*?

Lia deu de ombros.

— Sei lá. *Biluco* parece nome de cachorro: "Biluco, dá a patinha!". "Vamos passear, Biluco?".

— E então, filharada? — interrompeu o Dr. Barba, com sua voz grossa de barítono. — Prontos para ver de perto uma legítima obra do grande Mestre Aleijadinho?

Hugo cochichou para Lia:

— Minha professora disse outro dia que não se deve chamar ninguém de "aleijado". Que o certo é "pessoa com deficiência". Será que o papai sabe disso?

Mas o Dr. Barba tinha ouvido perfeitamente o comentário do filho. Pois, antes que Lia pudesse oferecer uma resposta, ele se apressou em explicar:

— O Mestre Aleijadinho nasceu no século dezoito. Naquela época, não se tinha o mesmo cuidado com as palavras que se tem hoje. Ele ganhou esse apelido porque teve uma doença que deformou o seu corpo e o obrigou a andar de joelhos. De todo modo, sua professora está certíssima, Hugo. Não se deve chamar ninguém de aleijado. É realmente ofensivo.

E lançou uma provocação:

— E tem outra coisa: mesmo doente, o Mestre Aleijadinho nunca deixou de trabalhar, sabiam? Pensem nisso quando pedirem para não ir à escola só porque soltaram dois espirros.

"Tinha que sobrar pra gente", pensou Lia.



Minos Diamantaris conduziu os convidados até uma porta dupla que se abria para uma biblioteca opulenta. Ali dentro, uma caixa de som enchia o ambiente com uma música clássica suave e agradável.

No centro do recinto, rodeada por paredes revestidas de quadros a óleo e lambris escuros e pontilhadas com pesadas estantes de madeira repletas de livros, havia